

São três décadas de **referência** no acolhimento e na **inclusão**



Avenida 1 Leste, Bairro Centro Administrativo, em frente ao Sesi. Muitos passam todos os dias por ali, poucos sabem o que, de fato, acontece dentro daqueles prédios. Histórias, vivências, particularidades. Cada um ali é um universo inteiro dentro de si mesmo, e naqueles corredores se cruzam, compartilham, convivem e constroem seus caminhos. Para quem está fora, a visão dali, por vezes, é limitada, mas conhecer de perto aquelas realidades é importante para toda comunidade, e pode mudar olhares e percepções que temos.

Estamos falando da Apae de Teutônia. A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) nasceu no dia 12 de novembro de 1991, em uma assembleia organizada por um grupo de pessoas da comunidade. Na época, era difícil encontrar atendimento especializado para pessoas com deficiência na cidade, era preciso ir até Estrela para ter acesso. E este foi um dos motivadores da fundação.

A entidade iniciou seus atendimentos com apenas quatro alunos, atuando em locais cedidos. Em 1995 foi inaugurada a sede construída pela Prefeitura de Teutônia. Hoje, são cerca de 200 alunos. Além da cidade sede, são atendidas pessoas de Westfália, Paverama, Fazenda Vilanova e Poço das Antas.

ESPECIAL APAE TEUTÔNIA 30 ANOS

Uma história de apoio e assistência à comunidade

PALOMA GRIESANG

DIVULGAÇÃO

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de Teutônia nasceu no dia 12 de novembro de 1991. E apesar dos 30 anos de atuação, ainda há muito desconhecimento sobre o trabalho da instituição. “Muitos acham que a Apae é como uma creche, que eles [alunos] ficam o dia inteiro, e não é”, salienta a diretora Raquel Brackmann.

Ela explica que a entidade atende pessoas diagnosticadas com deficiência intelectual ou múltipla, e que não há limite de idade. Ou seja, diferente do que muitos pensam, não são atendidas apenas crianças, mas pessoas de todas as idades. Inclusive, o aluno mais velho tem quase 60 anos.

Outro ponto que a diretora esclarece, é que a Apae atende em três áreas: educação, saúde e assistência social. “São três áreas que têm que andar juntas. Nenhuma delas anda sozinha, não se manteria, andam juntas para um melhor desenvolvimento da pessoa com deficiência”, complementa.

Todos os serviços prestados pela Apae não têm custos às famílias. “É uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos. Todo e qualquer atendimento não tem custo, desde o caderno, o lápis que eles usam para escrever, do transporte, merenda escolar, tudo gratuito”, conta Raquel.

Os alunos são encaminhados para a Apae por meio de um sistema coordenado pela 16ª Coordenadoria Regional de Saúde (16ª CRS), a partir do momento em que é feito o diagnóstico da deficiência. Toda entrada na instituição se dá por esse caminho, pois é preciso passar por um neurologista que faz o diagnóstico.

Quando esse encaminhamento ocorre, a família passa primeiro por uma conversa com a assistente social. “Ela é a porta de entrada hoje na entidade”, reforça. Ela que faz toda a apuração quanto ao aluno recebido e avalia os encaminhamentos a serem dados.



ATENDIMENTO GLOBALIZADO

Apesar de serem três áreas de serviços diferentes, todas elas se cruzam de alguma maneira. A diretora destaca que nunca acontece do aluno receber apenas um tipo de atendimento. “São três áreas que andam juntas”, reforça a diretora.

Raquel afirma que esta interdisciplinaridade é essencial. “Aqui é onde os alunos se encontram, o lugar onde eles se identificam, fazem amigos. Tendo essas três áreas conseguimos trabalhar em uma totalidade ainda maior”, destaca.

A diretora salienta ainda a importância de incluir a família neste processo. “É uma parceria. Esse aluno precisa desse olhar. O trabalho da Apae não vai fazer com que ela se desenvolva se a família não pega junto. Ela precisa que esse planejamento que fazemos siga em casa”, pontua.



LOCAL DE AMPARO

A coordenadora pedagógica da Apae, Ana Carolina Klein, conta ainda que a Apae tem sido um local onde as famílias das pessoas com deficiência encontram amparo. “Eles se sentem seguros estando aqui, aqui é a casa deles. Por isso, muitas vezes, as famílias fazem questão que os filhos venham para cá”, afirma.

Mesmo os alunos que frequentam o ensino regular, continuam indo à Apae. Ana acredita que seja, justamente, por todos os serviços oferecidos pela instituição. “Isso dá uma segurança. E é o que tu precisa hoje”, salienta. Segundo ela, as famílias buscam com quem possam conversar, e os colaboradores da Apae possuem esta disponibilidade.

Raquel acredita que, assim como os alunos, as famílias também acabam se identificando na Apae. “Eles encontram outras famílias onde acontece a troca”, complementa. Ela lembra que qualquer pai ou mãe recebe um baque com o diagnóstico de que o filho tem uma deficiência. “Vem o susto, o luto, daquele filho que foi tão idealizado e aí vem aquele diagnóstico, um susto muito grande, o luto do filho idealizado. E aqui essas famílias encontram outras, em que conseguem se apoiar, trocar”, considera.

INCLUSÃO RESPEITOSA

Assim, a diretora afirma que a Apae é essencial. Ela afirma que a instituição luta muito pela inclusão das pessoas com deficiência, mas como especialistas, sabem da necessidade destas pessoas e reconhecem o momento em que eles estão preparados para se inserir em espaços de ensino regulares ou no mercado de trabalho, por exemplo. “Às vezes ela ficando aqui mais um ou dois anos, ela amadurece e, aí sim, chega o momento de ir para o mercado de trabalho, para o ensino regular”, considera.

Raquel avalia que a inclusão da pessoa com deficiência deve ser feita de maneira respeitosa, e não incluir somente por incluir, porque é preciso cumprir com uma legislação. “Em primeiro lugar, precisa ver o bem dessa pessoa com deficiência, o que para ela está fazendo bem”, aponta.

Ela explica que a inclusão precisa pensar no indivíduo. “Ele está se sentindo bem naquele lugar? Ele tem amigos? Ele está sendo respeitado? Está aprendendo alguma coisa? São vários pontos de vista”, considera.

Ela afirma que a análise destas questões foi algo que a instituição construiu ao longo dos anos, com as prefeituras e escolas. “Temos parcerias muito boas”, reforça. Ela conta que são feitos, periodicamente, momentos de troca com as direções e equipes das escolas regulares onde há alunos da Apae inseridos. “Aqui como um complemento para essas turmas de AEE, não temos eles todos os dias aqui, mas essas trocas precisam existir”, afirma a coordenadora Ana.

Esse intercâmbio com a Apae é importante para seguir uma mesma linha de atendimento. “Temos pensar que essa pessoa é a mesma, não vamos trabalhar de formas diferentes. Pensar nesse indivíduo único que tem que traçar a mesma meta. Não adianta um puxar para um lado e o outro, para outro”, reforça.



Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não traduzem necessariamente a opinião do jornal nem a do editor.

PROPRIEDADE:

Folha de Teutônia - Gráfica e Editora Jornalística Ltda.
 CNPJ - 90240235/0001-43
 Registro no Ofício de Registro Civil, Pessoas Jurídicas,
 Títulos e Documentos de Estrela, N° 01/87.
 Fundada em 01° de maio de 1985 por:
 Valdir Inácio Schardong (em memória) e Deolí Gräff

SÓCIOS-DIRETORES:

Nanci Brune, Sílvio Brune e Lucas Leandro Brune

TEXTOS

Paloma Griesang

COMERCIAL

Lucas Leandro Brune

DIAGRAMAÇÃO

Ana Käfer



SEDE:

Rua Senhor dos Passos, 441
 Bairro Languiru - Teutônia/RS
 Caixa Postal 13 | CEP: 95890-000
 Telefone (51) 3762-2440

REDAÇÃO:

jornal@popularnet.com.br

PUBLICIDADE E HOMENAGENS:

publicidade@popularnet.com.br

VALORIZAR POTENCIAIS

DIVULGAÇÃO

Outro ponto fundamental que a Apae trabalha é a valorização dos potenciais dos alunos. De dar destaque para aquilo em que eles são bons, e não insistir nas dificuldades deles. “Muitas vezes na área da educação eles não avançam. Eles estão ali tentando se alfabetizar, e isso é um processo muitas vezes pesado, porque eles não conseguem avançar e a gente fica batendo naquilo”, explica Ana Carolina.

Porém, em outras áreas eles ganham destaque. “Levamos eles para um atletismo, uma dança, um teatro, o artesanato, e eles viram destaque, são valorizados. Isso faz com que a autoestima deles levante muito, e aí eles ficam bem em outras áreas”, reforça Ana.

Raquel destaca que a valorização dos potenciais gera orgulho também nos pais. “A família passa a enxergar um outro indivíduo”, afirma.

Ana salienta que muitas vezes, quando chega o diagnóstico da deficiência, vem também a sentença de que aquela criança não será capaz de fazer algumas coisas. “Aí chega na escola e dizem ‘realmente ele tem dificuldade’. Aí vai para uma área, às vezes esportivo, e aí ele é capaz, ele consegue fazer”, exemplifica.

Raquel avalia que há uma cultura na sociedade de que todo mundo tem que saber fazer a mesma coisa. “Que o importante é se alfabetizar, o importante é fazer uma graduação, mas até que ponto estamos felizes com o que a sociedade impõem? Tem tantas outras coisas importantes e que também nos faz felizes”, opina.

Segundo ela, são muitas imposições que a sociedade acredita que sejam necessárias para ser feliz, e que a pessoa com deficiência muitas vezes não atinge e aí acredita-se que eles



não podem ser felizes, e a realidade não é assim. “Eles se destacam em coisas bem melhores e são muito mais felizes que a gente”, afirma.

Ana Carolina pondera que muitas vezes as pessoas olham para os alunos com deficiência como se fossem coitados, o que eles não são. “Eles são

felizes, estão fazendo aquilo que eles gostam. Os profissionais que trabalham aqui tem esse olhar, valorizamos as pequenas coisas”, pontua.







Uma vida de
cooperação
 e carinho que o
Sicredi tem orgulho
 em homenagear.

APAE Teutônia - 30 anos

O trabalho social que a APAE faz em Teutônia promove o desenvolvimento e o bem-estar dos seus alunos com muita dedicação e afeto. O Sicredi parabeniza a todos os pais, professores e amigos que incentivam e fazem parte da trajetória de 30 anos dessa importante instituição.



RESPEITO ÀS INDIVIDUALIDADES

Educação potencializa o desenvolvimento

PALOMA GRIESANG

A Educação é um dos três pilares da Apae. Nessa área, a entidade mantém a Escola de Educação Especial Crisálida e o Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE), que são regulamentados junto ao Conselho Estadual de Educação.

A escola funciona, de fato, como uma escola, atendendo desde a educação infantil até o 5º ano. Recebe alunos que não frequentam escolas regulares. Atende também até o 5º ano na modalidade de Ensino de Jovens e Adultos (EJA), para pessoas acima de 15 anos.

O educandário funciona como qualquer outro: tem que cumprir 200 dias letivos, possui cadernos de chamada, planejamento de aulas. “Só atendemos alunos diagnosticados com alguma deficiência intelectual, por isso uma escola de educação especial”, explica a coordenadora pedagógica Ana Carolina Klein.

Já o CAEE volta-se para alunos matriculados em escolas regulares, mas que precisam de assistência. “É um reforço, um complemento do ensino regular”, explica a diretora Raquel Brackmann.

O alvo são os alunos que, devido às suas limitações, não conseguem acompanhar o ensino com apenas um monitor na escola e necessitam do apoio especializado. “Precisa de mais um auxílio. Aí vem para cá para darmos mais esse atendimento, duas vezes por semana”, reforça.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL CRISÁLIDA

No quadro, a professora escreve a data, enquanto isso os alunos copiam o conteúdo. Um início de aula típico de qualquer escola. E esta também é uma escola como as outras: possui suas turmas, seus planos de aula, cumpre carga horária e tem chamada.

A única diferença: ela fica dentro da Apae, e seus alunos possuem alguma deficiência intelectual. Em uma das salas, a professora é Stefani Taís Osterkamp que trabalha com a alfabetização. Há dois anos na Apae, vê um novo desafio a cada dia. “É muito diferente, a gente aprende junto com eles. Trabalhar aqui é bem tranquilo, a turma é tranquila. Eu me sinto muito bem”, afirma.

Stefani conta que a turma é muito atenta e participativa. Participar do desenvolvimento destes alunos é uma felicidade. “Cada aprendizado que eles conseguem desenvolver eu fico muito feliz. Porque nem sempre é na primeira vez, é na repetição. Quando eles conseguem, eu fico muito feliz e eles também”, conta.

Os próprios alunos se ajudam. Um observa o que o outro já sabe e eles trocam conhecimentos. “Nós trabalhamos as dificuldades, cada um tem o seu trabalho, e modificamos para cada aluno”, explica.

Ela avalia que ter a escola de educação especial na Apae é algo muito



Fátima atende as crianças da Educação Infantil

importante. “Porque o ensino deles não para, eles continuam em constante aprendizagem. Porque são diferentes áreas como a educação física, capoeira, música”, complementa.

A professora destaca que em relação à inclusão, quando eles estão em atividades fora da escola, já estão preparados para lidar com diversas situações.

O atendimento na escola começa desde cedo, com a Educação Infantil. Quem atende esta turma é a professora Fátima Elisa Dilli Zago, que se diz muito realizada com o que faz. “Acho que tu tem que ter o dom para lidar com estas crianças. E é muito gratificante ver o sorriso, o aconchego e o carinho que eles transmitem”, afirma.

Fátima opina que o trabalho da escola é fundamental. “Eles tem que ser estimulados para se desenvolverem. Sem nosso estímulo, eles não conseguem, muitas vezes seguir adiante”, reforça. Ela afirma que é uma realização perceber que participa do desenvolvimento dos alunos. “Quando eu vejo a evolução deles. No início eles entram sem nenhuma escolarização, e agora vejo cada passo, cada construção, é um alívio, eu consegui realizar meu trabalho bem feito”, salienta.

Ela destaca que utiliza de várias propostas e recursos pedagógicos nas aulas. “Para que eles consigam atingir os objetivos, porque trabalhamos em cima de objetivos. Vejo que é benéfico e os recursos dão resultados”, pontua.

Uma história de dedicação e cuidado ao próximo

Unindo forças por uma causa tão importante, a Certel parabeniza a **APAE pelos seus 30 anos** de atividades. Que possamos permanecer juntos nessa caminhada, transformando vidas.

Parabéns, APAE!



A professora Stefani trabalha com a alfabetização das crianças

ATENDIMENTO ESPECIALIZADO

O setor de Educação dentro da Apae atende também os alunos que frequentam escolas regulares. Apesar de incluídos em outros educandários, estas crianças e adolescentes, muitas vezes, não conseguem alcançar um aproveitamento pleno apenas com a ajuda do monitor escolar. Assim, a Apae oferece um reforço e, como o nome diz, especializado, pensado na

pessoa com deficiência e levando em conta todas as outras áreas.

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental (Emef) 24 de Maio, por exemplo, são quatro alunos que frequentam também a Apae. “Uma das alunas, deficiente auditiva, está matriculada em uma turma de convivência. A outra estudante, que apresenta dificuldades motoras, está incluída no Projeto de Bocha e

estimulada em suas potencialidades, recebendo, inclusive, premiação. As demais alunas estão matriculadas no Centro Educacional Especializado (CAEE) e recebem, semanalmente, atendimentos especializados na instituição”, conta a diretora da escola, Cândida Betina Costa.

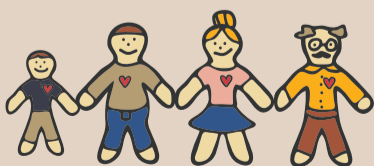
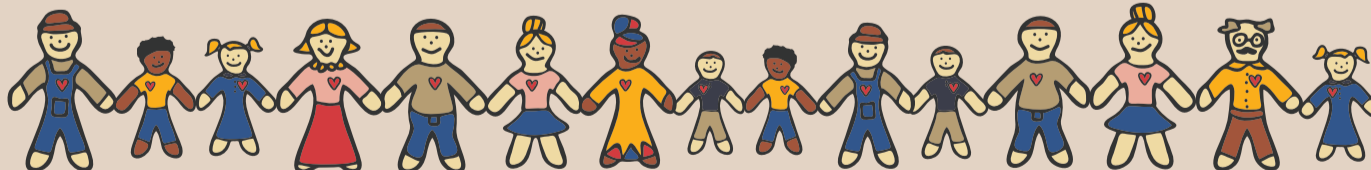
Aliás, Cândida considera a Apae como grande parceira da escola. “Contri-

bui para a melhora da qualidade de vida dos nossos estudantes”, destaca. Ela acredita que o intercâmbio entre as duas instituições, por meio de reuniões e encontros, é importante porque torna o trabalho em equipe mais eficiente. “Influência e impacta diretamente na qualidade do ensino e, principalmente, no que tange o desenvolvimento dos nossos estudantes”, pontua.

Parabéns **APAE Teutônia** pelos **30 anos** de dedicação e comprometimento com a **saúde e educação** da nossa gente!



Atitude



LANGUIRU

Alimentando
gerações

somos
COOP

f /cooplanguiru

ig @cooplanguiru

yt Cooperativa Languiru

MERCADO DE TRABALHO

Preparar caminhos e abrir as portas da inclusão

PALOMA GRIESANG

Há 10 anos, Fábio Rodrigues da Silva (40) percorre os corredores do Centro de Distribuição (CD) da Certel. Descarrega e carrega mercadorias, auxilia os colegas, realiza trabalhos administrativos. Apenas uma coisa o diferencia dos demais funcionários: ele é uma pessoa com deficiência.

Ele é um dos alunos da Apae inseridos no mercado de trabalho, que colhe os frutos de ações iniciadas há muitos anos. “Quando comecei a trabalhar aqui, não tínhamos turmas de oficinas. Depois de alguns anos criamos a primeira turma, que preparavam eles para trabalhar e estar, futuramente, no mercado”, conta a coordenadora pedagógica, Ana Carolina Klein.

Ela explica que as oficinas imitavam uma empresa, cada um com suas responsabilidades e ajudando o outro. “Trabalhávamos muito essa questão de ter que estar presente e não faltar por qualquer coisa, por ter responsabilidade pelo que faz”, comenta.

Aos poucos, a oficina foi crescendo, com cada vez mais alunos. Foi então que surgiu a ideia de um projeto que apresentasse os currículos destes alunos às empresas. “Na época, não tinha em evidência a questão das cotas, mas as empresas valorizavam os alunos daqui porque fazíamos o acompanhamento dentro da empresa”, comenta.

A partir disso, muitos alunos ingressaram no mercado de trabalho. Um deles foi Fábio, que desde então comemora cada ano que completa dentro da empresa. Inclusive, ligando todos os anos para a professora Ana para celebrar.



FOTOS: PALOMA GRIESANG

Há 10 anos, Fábio (d) é um dos funcionários do CD da Certel

APRENDENDO A LIDAR COM A DIFERENÇA

O coordenador de Logística do CD da Certel, Rogério Hubner, chefe de Fábio, destaca que hoje o trabalho junto com ele é bastante tranquilo, mas que foi necessário paciência para ir aprendendo como lidar com ele. “Não tínhamos o costume de ter uma pessoa com deficiência trabalhando conosco. Mas com o tempo, o pessoal foi aceitando a diferença”, destaca.

Hubner salienta que, aos poucos, a equipe foi aprendendo quais eram as limitações e quais eram as potencialidades de Fábio. “No início achávamos que ele só poderia fazer um tipo de

serviço, mas com o tempo, vemos que ele é uma pessoa normal aqui, que faz todo processo normal do CD”, aponta.

O coordenador afirma que, convivendo com Fábio, é possível perceber que o trabalho é a vida dele. “Se tivesse que tirar o Fábio daqui, acho que ele ia regredir alguns anos. Ele não vê a hora de chegar aqui para trabalhar, ele adora isso aqui”, considera.

Hubner destaca também a evolução de Fábio desde que começou na empresa. A equipe, que no início não tinha muita paciência, com o tempo aprendeu a lidar. “Hoje eles sabem que o ritmo dele é esse, e temos que saber lidar”, reforça.

Ele afirma ainda que para a empresa também é muito bom poder dar esta oportunidade. A integração de Fábio não fica só no trabalho, com os colegas ele participa também das confraternizações, como no fim do ano, por exemplo.

OPORTUNIDADE GERA FELICIDADE

Quando alguém pergunta para Fábio se ele gosta de trabalhar na empresa, ele é enfático: “Gosto!” Está estampado no rosto o gosto pela função. “Gosto de ajudar meus colegas, descarregar os caminhões, quando não tem, vou tirar, peço para o seu Rogério se posso ir”, conta.

Ele deixa claro também o quanto gosta do chefe. “Seu Rogério é gente fina, por isso gosto dele”, reforça. E assim, ele vai construindo suas relações dentro do trabalho. Lembra até hoje de quando chegou, e conta com orgulho por todos os serviços que já passou. Explica também os detalhes do seu trabalho. Ao mostrar o local onde fica, lembra: “é meu escritório”.

Para a família de Fábio, a oportunidade de emprego dele também é motivo de felicidade. Para a mãe, Nerci da Silva, é também motivo de gratidão. “Eu agradeço muito à Apae, à professora, que deram essa oportunidade. Ele gosta muito de trabalhar, adora o serviço”, conta.

Ela lembra que no início ele teve problemas com colegas que não o respeitavam. Hoje, conta que há abertura para conversar com o coordenador, e que ele tem muitos colegas que gosta muito. “Foi difícil até se adaptar, mas se acostumou e tranquilizou. São 10 anos e é a felicidade dele”, reforça.

A mãe de Fábio destaca ainda que trabalhar no CD fez com que ele se desenvolvesse ainda mais. “Ajudou muito”, pontua.



Nas oficinas da Apae, Jean se preparou, e hoje aguarda para iniciar seu trabalho no Agrocenter Languiru



PALOMA GRIESANG



As oficinas de artesanato buscam potencializar as habilidades que os alunos precisarão no mercado de trabalho

EXPECTATIVA PELO EMPREGO

Enquanto alguns comemoram anos de empresa, outros alunos da Apae se preparam para a primeira oportunidade. Um deles é Jean Dietze Schrammel (17), que no fim do mês inicia seu trabalho no Agrocenter Languiru. “Eu queria trabalhar porque meus colegas [da escola regular] também trabalham”, conta.

Antes mesmo de iniciar, ele já foi apresentado aos colegas e conheceu o local de trabalho. Além disso, já explicaram suas funções. “Eu achei muito bonito, vai ser legal. Vou arrumar as prateleiras, colocar os produtos”, revela.

Para a mãe de Jean, Eloide Dietze, é motivo de muita alegria que o filho receba tal oportunidade. “Primeiro lugar tenho que agradecer à Apae. Tenho muito carinho e gratidão por esta entidade, graças a ela, ele hoje pode entrar no mercado de trabalho”, declara.

Ela acredita que a partir disso, o filho crescerá cada vez mais. “Lá ele vai conviver com outras pessoas, integrar, vai ter compromisso da organização”, avalia. Eloide afirma que é preciso sempre incentivar e dar força ao filho. “Ele se empenha muito, gosta muito de coisas novas. Ele é muito independente, se a família apoia, ele vai chegar longe”, considera.

A mãe lembra que ao receber a notícia, Jean deu pulos e gritos de alegria, e que agora está muito ansioso pelo começo. “Ele não vê a hora de ir lá. Cada vez que passamos na frente ele diz ‘é ali que vou trabalhar’”, diz.

Para o futuro, a Eloide vê só crescimento. Ela avalia também que hoje as empresas estão mais adaptada para receber pessoas com deficiência, o que não era realidade há alguns anos. “Antigamente quando tinha que ter esses funcionários, só admitiam para ter aquela cota. Hoje em dia não, hoje em dia eles começam a valorizar, porque eles tem habilidades, conseguem fazer as coisas, é só incentivar, explicar, que eles chegam longe”, conclui.

BUSCANDO A INCLUSÃO

Em 2021, a Lei de Cotas para Pessoas com Deficiência, assim como a Apae, completou 30 anos. O objetivo da lei é assegurar a inclusão no mercado de trabalho e, hoje, garante o emprego de cerca de 500 mil pessoas no Brasil.

Porém, mesmo com a existência da lei, não é fácil para que uma pessoa com deficiência intelectual consiga se inserir no mundo do trabalho, muitas vezes devido ao preconceito. A Apae Teutônia trabalha, há anos, para que esse cenário mude cada dia mais, e as pessoas com deficiência sejam plenamente incluídas.

Um dos trabalhos realizados são as oficinas que preparam os adolescentes e adultos para o mercado de trabalho. Por meio, muitas vezes, do artesanato, as atividades buscam criar neles senso de responsabilidade, coletividade, entre outras habilidades necessárias para o trabalho.

Ângela Margarete da Silva é uma das professoras que trabalha nas oficinas. Para ela, é muito gratificante ver a evolução e a alegria dos alunos ao participar das atividades. “Para eles, isso aqui é tudo, é muito bom. Eles fazem com tanto entusiasmo, carinho e gosto, se sentem úteis”, pontua.

Ela conta que cada dia é um dia de evolução na vida deles. “Cada um tem uma habilidade, vamos testando. Conforme testamos, vão evoluindo e crescendo. Eles se aperfeiçoam naquilo que sabem fazer”, explica.

A professora explica como as oficinas preparam os alunos. Primeiramente, exigem que eles se organizem. “Eles precisam saber o lugar deles, eles têm horários, sabem a hora de chegar e sair. Ensinamos a ter responsabilidade, e eles tem muito respeito um pelo outro. Isso tudo precisa para poder trabalhar lá fora”, complementa.

Nicole Monique Vargas (14) é uma dos alunos que frequenta as oficinas. Ela conta que fica muito feliz quando vê o trabalho finalizado. Ela conta ainda algumas lições que aprendeu nas atividades. “Nem tudo tu pode fazer correndo, tem que fazer com calma”, salienta.

A aluna conta que tudo que aprende na Apae, usa também nas atividades fora da instituição. Afirma ainda que gosta muito da Apae, e conta os dias para chegar no local e fazer as atividades. “Na escola [regular] eu não sou muito chegada com os colegas, sou mais na minha. E aqui eu falo com todo mundo, tenho mais amizades aqui”, conclui.

ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO

Assistência Social para acolher e garantir direitos

PALOMA GRIESANG

A Apae surgiu no Brasil há 64 anos e iniciou com o foco no assistencialismo – voltado à assistência social. A missão permanece até hoje e a instituição atua nesta área. O principal objetivo é garantir direitos às pessoas com deficiência e suas famílias, além do acesso a programas sociais como o Benefício de Prestação Continuada (BPC) e o Passe Livre. Também é a partir do atendimento com o assistente social que as famílias são acolhidas na Apae, e é ele também que faz o acompanhamento social da família. “A primeira conversa é com a assistente social, que entrevista e explica o que é o serviço da Apae”, reforça a diretora Raquel Brackmann.

A assistente social da instituição teutoniense, Daniela Krindges, afirma que a acolhida realizada é um dos diferenciais e uma necessidade das famílias. “É importante e necessário para a gente dar continuidade aos nossos atendimentos”, explica.

Para as famílias, a chegada à Apae é um momento em que tudo é novo, e eles chegam com muitos medos, angústias e dúvidas. “Essa família precisa saber o que vai acon-

tecer aqui na Apae, durante as avaliações, e também entender o serviço prestado”, considera.

A avaliação é feita de acordo com as necessidades individuais de cada aluno. “São realizados os encaminhamentos possíveis dentro da instituição”, reforça. Ela sente a importância do acolher as famílias neste momento inicial. “Sinto-me importante para eles, porque é por meio deste acolhimento que tu abraça essa família. Eles vêm aqui, sentam, e vejo que estão fechados, pelo medo. E quando saem daqui com o rosto mais tranquilo e expressam isso, para mim é um diferencial no meu trabalho”, declara.

A Assistência Social conta também com grupos de socialização, que atendem os alunos adultos que, por alguma razão, não conseguem se inserir no mercado de trabalho. São pessoas que frequentam o local uma ou duas vezes por semana.

Conforme Raquel, os grupos se tornam espaços de socialização para estas pessoas. “Eles vêm para ver outras pessoas. Senão estariam só em casa, isoladas do mundo, de tudo. Eles vêm para cá com esse objetivo de socializar”, reforça.

DIVULGAÇÃO



Oficinas de assistência social são espaço de socialização

IMPORTÂNCIA

As famílias são o primeiro espaço de socialização e representa uma relação complexa de vivência social que promove o desenvolvimento de seus membros. “O nascimento de um filho com deficiência tem muitos desafios e mobiliza a família nos pontos de vista emocional, social, econômico, entre outros”, considera a assistente social.

O apoio visa promover e articular ações de direitos, prevenção, orientação e apoio às famílias, direcionando para melhor qualidade de vida. “É uma construção de uma sociedade um pouco mais justa e solidária. Para muitas famílias, a Apae é o único lugar onde se encontram, que tem uma socialização, que são ouvidos e acolhidos, se sentindo bem”, explica.

CONSTANTE EVOLUÇÃO

Daniela Krindges avalia que a assistência social, educação e saúde precisam estar em constante evolução, trabalhando juntos e interligados. “Para um bom planejamento de trabalho e melhor desenvolvimento do aluno e também da família”, afirma.

As reuniões semanais da equipe técnica da Apae tem objetivo de oportunizar trocas e fazer avaliações. “Um trabalho que acontece em benefício da comunidade da Apae”, reforça. Nesses encontros são apresentados casos, que são discutidos e cada um contribui de acordo com sua área. “Porque uma coisa interliga com a outra”, pontua.

SAÚDE, BEM-ESTAR E INCLUSÃO

Esporte empodera

PALOMA GRIESANG

Em 2021, os olhos do planeta se voltaram para o Japão durante os Jogos Olímpicos. Foi a oportunidade também do mundo de aprender ainda mais sobre inclusão com os Jogos Paralímpicos. Não com o olhar de pena, vendo apenas histórias de superação dos atletas com deficiência, mas com olhos que enxergam potencialidades inerentes a eles. Não eram suas limitações que os definiam, mas sim suas habilidades.

Este olhar do esporte como forma de inclusão e de potencializador de aptidões é diário na Apae de Teutônia. É mais uma das ferramentas de inclusão, de autoestima e de empoderamento dos alunos. Por meio de diferentes categorias e modalidades, eles recebem a oportunidade de se destacarem dentro e fora da instituição.

Desde a aula de Educação Física, até os projetos especiais, como o da bocha, permitem a participação de todos os alunos, independente do grau da sua deficiência. Hoje, a Apae conta com três professores de Educação Física: Évelin Aschebrock Pacheco, Alex Junior Marin e Reginaldo Pinheiro Pereira. Dança, atletismo, futsal, capoeira, bocha, são algumas das atividades desempenhadas.

O ESPORTE MAIS INCLUSIVO DO MUNDO

As Paralimpíadas apresentaram também o esporte que é considerado o mais inclusivo do mundo: a bocha adaptada. E a Apae de Teutônia tem um projeto inteiramente voltado para esta modalidade. A ideia foi estruturada em 2018.

A oportunidade surgiu por meio da Federação das Apaes, que percebeu o esforço da unidade de Teutônia em investir no esporte, e colocou o projeto à disposição. “Eles viram que tinha atletas aqui, um investimento em uma modalidade que é pouco difundida no Estado, e deram essa sugestão para a gente”, conta Évelin que é a professora responsável pelo projeto, e que atua na instituição há 8 anos.

Em todo o Estado, apenas 10 Apaes receberam a chance de participar do projeto. Para tornar tudo possível, foi preciso buscar empresas que custeassem por meio do abatimento de imposto. “Conseguimos captar o valor, que é bem alto”, conta.

No início deste ano, o projeto começou a ser colocado em prática. São atendidos 24 alunos, 20 a mais do que anteriormente. A ideia não é apenas incentivar o rendimento em competições, até porque para competições a modalidade é voltada apenas para pessoas com paralisia cerebral. No caso de Teutônia, são



quatro alunos que tem a paralisia, o restante da equipe é formada por pessoas com outros tipos de deficiência.

Por meio do projeto foi possível adquirir material de ponta. “Temos calhas que hoje vemos nas Olimpíadas”, conta. Além da preparação esportiva, os atletas contam ainda com o acompanhamento do fisioterapeuta. “A mesma carga horária de treinos esportivos, tem de atendimento da fisioterapia”, explica. Há ainda o auxílio administrativo para a parte burocrática.

A bocha adaptada é praticada sentada. É considerado o esporte mais inclusivo do mundo porque atende desde quem consegue lançar a bola, até a pessoa com os movimentos mais limitados. A Apae, por exemplo, tem uma atleta que movimenta apenas o pé direito. “Fizemos um equipamento com a calha para que ela consiga puxar uma cordinha com o joelho e rolasse a bola”, salienta. Évelin reforça que para muitos esta é a única oportunidade de inclusão no esporte.

ESPORTE E AUTOESTIMA

Um dos pontos principais na inclusão e desenvolvimento da pessoa com deficiência está em elevar sua autoestima. E o esporte vai ao encontro disso. Évelin pondera que muitos dos alunos da Apae não são de fato incluídos na sociedade porque as pessoas acreditam que eles não são capazes. Mas, na Apae, sentem-se à vontade por serem valorizados pelo que fazem. “Eles não são reconhecidos por suas habilidades, mas vistos por suas deficiências. E a gente percebe o quanto eles gostam destas atividades [na Apae], pela alegria deles. Ali eles percebem que são úteis e conseguem fazer. Quando recebem um aplauso no palco, ou uma medalha, é o reconhecimento pelo esforço deles”, avalia. Évelin afirma que é muito gratificante compartilhar desta alegria com os alunos.

DIVULGAÇÃO



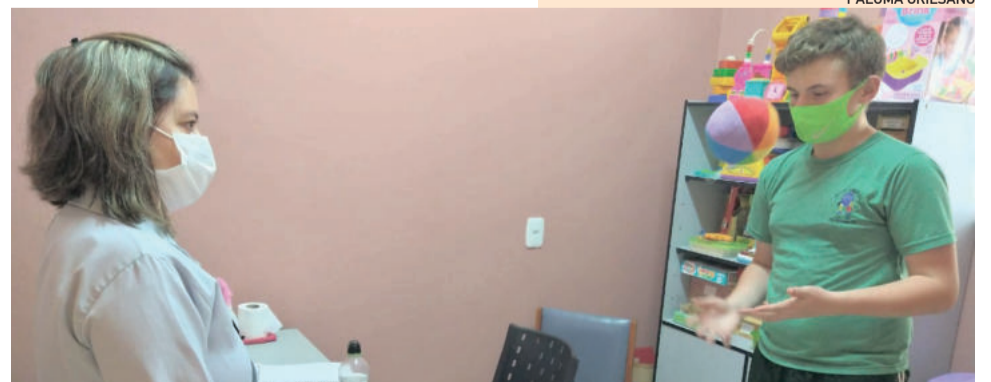
Bocha adaptada é considerado o esporte mais inclusivo do mundo

MUNDO DE POSSIBILIDADES

Évelin destaca que o esporte abre uma porta de oportunidade para que as pessoas com deficiência sejam vistas e reconhecidas por algo que fazem. “Muitas vezes se subestima essa pessoa, acham que ela não tem capacidade, não tem talento, se deixa de ensinar algo por acreditar que ele não vai aprender. E a gente acredita sim neles. Eles tem sim suas limitações, as atividades são adaptadas, a forma de ensinar é diferente, leva mais tempo, mas acreditamos”, reforça.

A professora considera que mesmo sem participar de competições, o esporte promove também saúde, qualidade de vida e felicidade. A competição também é importante, não só pelo momento, mas por tudo que proporciona: viagens, conhecer lugares e pessoas, entre outros.

Évelin afirma que eles também não ligam muito se ganham ou não. “Eles subindo no palco, competindo, já é suficiente. O elogio que eles recebem é suficiente, porque muitas vezes eles não ouvem isso”, afirma. Ela exemplifica com o festival de dança realizado pela instituição em que, mesmo competindo entre si, eles torciam uns pelos outros. “Vemos essa pureza, de que todo mundo saia bem, não tem isso de um querer ser melhor que o outro”, pontua.



Juliana atende os alunos da Apae há seis meses

CUIDAR E DESENVOLVER

Atendimentos de saúde geram mais qualidade de vida

PALOMA GRIESANG

Para que a pessoa com deficiência seja plenamente atendida e seu desenvolvimento seja ainda melhor, é fundamental que ocorra o acompanhamento da saúde. E os alunos da Apae não precisam ir longe para receber estes serviços, pois todos são oferecidos na própria instituição.

São disponibilizados atendimentos de neurologia, psicologia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, fisioterapia e estimulação precoce. Todo serviço de saúde é feito por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). “Todos serviços prestados não têm custo”, explica a diretora Raquel Brackmann.

A fonoaudióloga Juliana Richinitle Vilanova é uma das profissionais que atua na Apae. Há seis meses ela trabalha na instituição com o objetivo de desenvolver os alunos. Para ela, é gratificante participar desta evolução. “Trazendo uma melhor forma deles se comunicarem no meio em que vivem, trazendo mais conforto para algumas famílias na hora do manejo de alimentação. É muito prazeroso poder contribuir com essas crianças e famílias”, destaca.

Juliana avalia a interdisciplinaridade da Apae como aspecto fundamental para o desenvolvimento dos atendidos, pois une educação, saúde e assistência social. “É com isso que as crianças têm o maior ganho, ao ter um mesmo olhar, um mesmo objetivo. Entendendo, contribuindo com a sua área, com o colega, focando em cada aluno individualmente, é o grande diferencial do nosso trabalho. Nossa contribuição é bem enriquecida com esse formato”, pontua.

PALOMA GRIESANG